



mãos nas calçadas, em cada sombra de algaroba, no jogo “bate bate” ou “bafô”; o grito de alegria por ter colado a última figurinha e completado o álbum. Um mês depois da grande conquista, o meu pai recebeu pelos Correios, enviado pelo amigo Mundinho, que fora morar em São Paulo, um Pôster da seleção Canarinho. Lembro-me que ele o retirou do canudo desenrolando-o lentamente, mostrou-nos apontando cada jogador para, em seguida, colocá-lo de volta no canudo, guardando-o por mais de trinta anos, como se fora, e era, uma relíquia a ser apreciada apenas a cada quatro anos. Lembro do grande poster da Seleção que Zé de Lau mandou emoldurar e colocou no fiteiro ao lado do seu eterno Bota Fogo e eu me perguntava por que o meu pai não fazia o mesmo com o que ele havia recebido do seu amigo. No ano seguinte, os Correios lançaram o selo do tricampeonato. Um ano antes, 1969, havia emitido o selo do milésimo gol de Pelé. Certa tarde de 1969 eu caminhava ao lado da Agência dos Correios de Pombal, em direção a minha residência, quando ao olhar para o chão eu vi aquela “figurinha”. Eu sabia lá o que era selo? Gostava mesmo era de futebol e de Pelé. Peguei-o e o levei para casa, guardando muito bem guardado e o tenho até os dias de hoje, sem nunca imaginar que 13 anos depois eu seria um empregado dos Correios e um filatelista amador. Ainda hoje eu tenho aquele meu primeiro selo, muito bem guardado. Acho que, de tão bem, nem eu sei onde.